

A FORMAÇÃO DOCENTE NO PIBID: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E A LEITURA DE DELEITE NO COTIDIANO ESCOLAR

Eixo 2 – Formação e Desenvolvimento Profissional Docente

Lucas da Silva Oliveira⁵⁴
Vinicius Bezerra Lima⁵⁵
Aine Souza dos Santos⁵⁶
Marta Costa Beck⁵⁷

Resumo

Este relato de experiência analisa a formação docente de pibidianos, estudantes de Pedagogia no cotidiano da Escola Municipal Domingos Gonçalves Gomes. A problemática emergiu ao observar-se que, diante de turmas numerosas, graduandos frequentemente enfrentavam dificuldades em selecionar estratégias pedagógicas eficazes para otimizar o aproveitamento educacional das crianças. Como ação interventiva, planejou-se e executou-se a mediação de leituras de deleite com clara intencionalidade pedagógica. Os achados demonstram que a prática intencional superou o isolamento e o sentimento de desorientação dos acadêmicos. Conclui-se que o Pibid atua como espaço nuclear de desenvolvimento profissional, transformando a prática em campo de pesquisa e reflexão.

Palavras-chave Iniciação à Docência; Prática Pedagógica; Leitura de Deleite; Cotidiano Escolar; Ensino Fundamental.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é uma oportunidade valiosa de formação, pois permite que o aprendizado da faculdade se conecte diretamente com o dia a dia das escolas. Dentro desse cenário, compreende-se que a teoria e a prática não devem caminhar separadas. Sobre esse aspecto, Pimenta e Lima (2006) esclarecem que no cerne da desvalorização da prática está a constatação de que o curso superior frequentemente "não fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica". Afastando-se da ideia de que ser professor é apenas repetir receitas prontas ou imitar modelos tradicionais, a iniciação à docência deve ser vista como uma atividade investigativa. É nesse espaço coletivo que o trabalho deixa de ser solitário e ganha força no planejamento conjunto entre os colegas, pois, como apontam Fullan e Hargreaves (2000, p. 19), diante de exigências complexas, é fundamental que os docentes "[...] trabalhem e planejem mais com os colegas, compartilhando e desenvolvendo em conjunto suas especializações e seus conhecimentos, ao invés de tentar enfrentar as exigências sozinhos."

A importância de escrever este relato está na necessidade de debater os desafios reais que os futuros professores enfrentam ao entrar em salas de aula populosas. Entender como o conhecimento acadêmico se transforma em ferramentas práticas é essencial para fortalecer a identidade e a confiança do graduando. Muitas propostas falham porque ignoram os propósitos e as biografias dos sujeitos.

⁵⁴ Estudante de Pedagogia Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, bolsista Pibid, lucas_s_oliveira@umfs.br.

⁵⁵ Estudante de Pedagogia Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, bolsista Pibid, lima_bezerra@ufms.br.

⁵⁶ Professora nas Escolas: Domingos Gonçalves Gomes e Prof^a Iracema de Souza Mendonça, bolsista Pibid, ainessg@hotmail.com.

⁵⁷ Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, bolsista Pibid, marta.beck@ufms.br.

Como explicam Fullan e Hargreaves (2000, p. 36), “[...] precisamos respeitar os conhecimentos e as ideias que os professores já possuem e tomá-los como um ponto de partida.” Por isso, registrar e analisar as ações criadas na iniciação à docência ajuda a transformar o estudante em um profissional crítico, capaz de pensar por si mesmo e criar soluções conscientes para o ambiente escolar.

Este trabalho nasceu de um problema real vivenciado durante as atividades do Pibid na Escola Municipal Domingos Gonçalves Gomes, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Ao se depararem com uma turma numerosa de Ensino Fundamental, os acadêmicos de Pedagogia frequentemente se sentiam perdidos sobre quais metodologias utilizar para aproveitar bem o tempo pedagógico e garantir o aprendizado das crianças. Salas de aula superlotadas tendem a aumentar a insegurança de quem está começando. De acordo com Zabala (1998, p. 198), em modelos de ensino convencionais, presume-se frequentemente “[...] que as diferenças entre os alunos das mesmas idades não são motivo suficiente para mudar as formas de ensino”. Diante de turmas cheias, o risco é focar apenas no controle técnico da disciplina, deixando de lado o afeto e a atenção individual. Diante desse impasse, percebeu-se que era preciso criar uma intervenção intencional que unisse o conhecimento, o prazer e a imaginação, elegendo a leitura de deleite como a estratégia principal para aproximar os pibidianos dos alunos.

Portanto, o objetivo deste relato de experiência é analisar como a leitura de deleite, realizada com um objetivo pedagógico bem definido, serve como estratégia para o desenvolvimento profissional de pibidianos diante dos desafios de uma sala de aula numerosa. Busca-se investigar como essa prática intencional ajuda os acadêmicos a superarem a insegurança do início da docência, organizando suas ações de forma estratégica. Conforme defende Nóvoa (2009, p. 23), “[...] o trabalho de formação deve estar próximo da realidade escolar e dos problemas sentidos pelos professores.” Assim, busca-se transformar a rotina da escola em um legítimo campo de aprendizado, pesquisa e reflexão sobre a prática.

A leitura deleite: intencionalidade pedagógica e estratégias de leitura no 4º Ano A

A experiência pedagógica aqui relatada e documentada com figuras abaixo, foi vivenciada junto à turma do 4º ano A do Ensino Fundamental na Escola Municipal Domingos Gonçalves Gomes, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. No início do ano letivo, as atividades de iniciação à docência foram conduzidas de maneira individual; contudo, a partir do segundo bimestre, ocorreu a inserção de outro graduando do curso de Pedagogia na mesma sala de aula. Essa transição permitiu que o trabalho deixasse de ser uma tarefa solitária e se transformasse em uma oportunidade de colaboração mútua, uma vez que, diante de exigências complexas, a troca e o planejamento conjunto ajudam a fortalecer os conhecimentos dos futuros professores. Desde o princípio, a turma se caracterizava por ser numerosa, o que gerava o desafio constante de encontrar caminhos que não reduzissem a docência a uma mera “instrumentalização técnica” voltada apenas para o controle disciplinar. Para enfrentar essa realidade, instituiu-se a prática sistemática da leitura de deleite no cotidiano escolar, fundamentada em uma clara intencionalidade pedagógica.

A primeira estratégia adotada envolveu a obra literária “Bruxa, Bruxa, venha à minha festa”, de Arden Druce. A escolha desse livro baseou-se no apelo estético de suas ricas ilustrações, fundamentais para que a narrativa pudesse ser vista e compreendida por qualquer estudante, independentemente de sua localização física na sala de aula. O objetivo inicial era analisar como as crianças reagem às contações, utilizando a leitura como um instrumento de aproximação e diálogo. Logo na primeira intervenção, percebeu-se uma turma extremamente engajada e animada em ouvir e interagir com a história. No entanto, essa intensa participação revelou-se uma faca de dois gumes: Zabala (1998) adverte que, se o docente não atuar de forma estratégica, delimitando e organizando as variáveis educativas como o tempo e o agrupamento, o envolvimento espontâneo pode converter-se em desorganização e comprometer a aprendizagem reguladora. A gestão da sala numerosa, portanto,

exigiu uma postura atenta para equilibrar o entusiasmo dos alunos com os limites necessários à condução da atividade.

Conforme a intervenção avançava, novos desafios se impuseram, demonstrando que a prática pedagógica se constrói por meio de tentativas, erros e reorientações estratégicas. Ao introduzir o livro “O Menino, a Toupeira, a Raposa e o Cavalo”, de Charlie Mackesy, constatou-se que a obra não cativou os estudantes. Apesar da frustração inicial, esse distanciamento foi compreendido sob a ótica de que a resposta dos alunos a uma proposta de intervenção é sempre uma hipótese de trabalho e não um resultado garantido. Sabendo que a recepção literária depende das singularidades e dos interesses do grupo, buscou-se uma mudança de rota em direção a uma literatura mais complexa e intrigante: “O Chupa-Tinta”, de Éric Sanvoisin. Esse livro, caracterizado por poucas ilustrações, mas por uma narrativa envolvente e misteriosa, conquistou a atenção absoluta da classe. A partir de então, compreendeu-se que o mistério era o elemento que verdadeiramente mobilizava o interesse daquela turma de quarto ano.

A partir dessa descoberta, a rotina de leitura foi reorganizada em parceria com o segundo graduando. A dinâmica passou a ocorrer em semanas alternadas, sendo que cada pibidiano lia dois capítulos por vez. Para garantir a continuidade da história e a articulação do conhecimento, realizava-se sempre uma recapitulação coletiva dos capítulos anteriores com os estudantes. Esse processo evidenciou que o professor atua, em certa medida, como um ator de si mesmo no espaço da sala de aula, interpretando personagens e modulando a voz para capturar a atenção de seus telespectadores: os alunos. De acordo com Nóvoa (2009), a docência envolve um “tacto pedagógico”, uma capacidade de relação, comunicação e serenidade que cruza de forma inevitável as dimensões profissionais com as características pessoais do educador. Ao encarnar a narrativa, o futuro professor constrói um canal de cumplicidade que legitima a sua presença pública e transforma a escola em um legítimo espaço de socialização profissional.

O registro e a roda: a intervenção didática a partir dos “Pequenos Chupa-Tintas”

Quando a leitura de “O Chupa-Tinta” alcançou a metade da obra, planejou-se uma atividade diagnóstica e contextualizada intitulada “Uma atividade para os pequenos chupa-tintas”. A intenção pedagógica da tarefa dividia-se em dois blocos integrados: o primeiro buscava investigar os conhecimentos históricos sobre o surgimento da escrita e a organização dos primeiros povos nômades e sedentários; o segundo propunha uma articulação geográfica com a cartografia, instigando os alunos a utilizarem a imaginação para escolher e “saborear” um tipo específico de mapa, justificando a escolha por meio de uma produção textual e de uma ilustração. O desenho, nesse cenário, funcionou como uma recompensa lúdica para as crianças após a escrita do texto, servindo como um elemento que estimula a criatividade e a expressão de sentimentos.

Antes de encaminhar a folha impressa, iniciou-se uma nova estratégia de diálogo inspirada na dinâmica de rodas proposta por Cecília Warschauer (1993). Graças à abertura concedida pela professora regente da sala (uma postura que rompe com o isolamento tradicional e favorece a experimentação pedagógica no cotidiano), o espaço físico foi reorganizado para que as crianças pudessem debater as ideias do livro. Warschauer (1993) aponta que a Roda é um momento privilegiado para o aprendizado e o exercício da participação, tendo a experiência dialógica como eixo central. Embora tenham ocorrido conversas paralelas decorrentes do tamanho da turma, a recepção foi extremamente positiva, gerando trocas e interações intelectuais muito válidas entre os estudantes. A intencionalidade da roda era preparar o terreno para a atividade escrita, despertando o entusiasmo coletivo de tal forma que, embora a tarefa tenha sido pensada para casa, muitos alunos, tomados pela ansiedade e pelo interesse, queriam realizá-la imediatamente na própria sala de aula.

A análise das produções textuais serviu como um valioso instrumento de avaliação integradora, oferecendo um diagnóstico real sobre as aprendizagens construídas e sobre o universo

particular de cada estudante, distanciando a avaliação de uma simples métrica punitiva ou quantitativa. Para preservar a identidade das crianças, utilizou-se pseudônimos nas análises de suas respostas. Ao serem questionados sobre qual mapa escolheriam saborear se fossem chupa-tintas por um dia, as respostas revelaram uma complexa fusão de saberes. O Aluno Dias (10 anos), por exemplo, escreveu que escolheria o mapa físico pois “[...] ele deve ter o gosto refrescante dos rios e o frescor das densas florestas tropicais”. Noutra folha, a Aluna Noites (10 anos) justificou sua escolha pelo mapa físico afirmando que ele “[...] tem contato com a natureza por exemplo: rios, montanhas e florestas. Para mim ele é muito legal, natural e litorânea.” Ambas as produções textuais demonstram uma apropriação consolidada dos conceitos geográficos e factuais da cartografia física, convertidos em imagens poéticas pelo estímulo da literatura infantil.

Por outro lado, o Aluno Tardes (9 anos) optou por outra categoria cartográfica ao relatar: “O mapa Econômico ele deve ter um sabor de indústrias, plantações e comércios. Por isso que eu escolheria ele.” A resposta dos estudantes, apesar de apresentarem pequenos desvios ortográficos naturais para a faixa etária, evidencia uma clara compreensão das variáveis que compõem o espaço geográfico econômico. Essas produções escritas funcionam como um grande presente para a formação docente: é por meio desse registro individual que o professor consegue analisar, em uma perspectiva de visão geral, onde residem as dificuldades gramaticais e onde desabrocham as potencialidades criativas de cada criança. Em alguns casos, notou-se o suporte ou a “ajudinha” dos pais na elaboração das tarefas em casa; longe de ser um problema, esse envolvimento familiar enriquece o olhar do educador, permitindo enxergar a criança para além de um aluno unidimensional e técnico, conferindo-lhe forma, história e contexto.

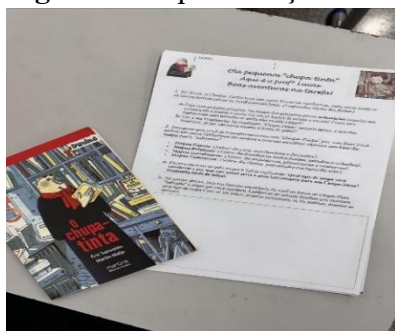
O recolhimento dessas atividades gerou um espanto positivo: praticamente toda a turma realizou e entregou os exercícios propostos, sendo que as raras exceções se restringiram às faltas escolares no período. A observação cuidadosa dos materiais revelou que o desenho desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo dessas crianças. Muitas vezes, elas se esforçam intensamente para fazer com que os elementos visuais contem aquilo que pretendem expressar na escrita, mesmo quando se confundem com as palavras no texto escrito. Zabala (1998) argumenta que é através dessa manifestação complexa que se torna possível avaliar os conceitos atitudinais ligados aos factuais e conceituais, uma vez que o saber fazer e o ser se expressam de forma integrada na ação prática do aluno. O desenho do estudante que ilustra a si mesmo na forma de um chupa-tinta, utilizando um canudo para sorver a tinta de um mapa composto por montanhas detalhadas, rios e nuvens, corporifica o ápice de uma aprendizagem significativa, onde o conteúdo escolar ganha escopo, afetividade e real sentido para a vida.

Após a finalização do primeiro livro, a busca por novas leituras revelou uma verdadeira “mina de ouro”: a descoberta de uma coleção inteira de outras obras pertencentes ao mesmo universo literário e escritas pelo mesmo autor. Antes de dar continuidade à série, realizou-se uma leitura de transição utilizando uma edição pop-up de “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, com o intuito de explorar diferentes suportes visuais e táteis no cotidiano escolar. Contudo, a verdadeira emoção e o ápice do engajamento do 4º ano A ocorreram com a introdução do volume intitulado “A Cidade dos Chupa-Tintas”. Como o período letivo já se aproximava das férias escolares, organizou-se uma nova dinâmica em parceria com o coautor deste relato: a leitura de mais capítulos por sessão, permitindo concluir a narrativa em duas semanas. Como atividades contextualizadas finais desse ciclo, propôs-se que as crianças produzissem a capa, a contracapa e a sinopse de um livro autoral. Embora pudessem se inspirar no universo do Chupa-Tinta, a prioridade residia na livre criação e na autoria das próprias histórias, permitindo-lhes vivenciar a descoberta da palavra escrita como algo essencial à vida.

Essa última intervenção, rica em envolvimento, colocou os pibidianos diante de um conflito didático muito comum no exercício docente: a gestão do tempo frente à imprevisibilidade da sala de

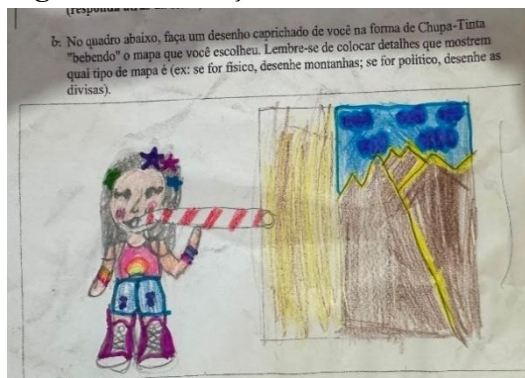
aula. A princípio, não se tinha a noção de que a complexidade da produção textual e artística demandaria duas aulas inteiras para ser concluída pelas crianças. Felizmente, a parceria com a professora regente (que ofereceu apoio constante e não permitiu que a atividade atrapalhasse o andamento dos conteúdos do bimestre) foi crucial para o sucesso da proposta. O tempo escolar expandido justificou-se pela intencionalidade pedagógica de ampliar e valorizar a criatividade dos alunos. Como resultado, a turma produziu obras diversas e cheias de personalidade, como o livro “O Homem Cão 3” (focado em uma narrativa de ação, comédia e surpresas) e “O Dente Macabro” (uma narrativa focada em mistérios e monstros). Pimenta e Lima (2006) destacam que o cotidiano profissional exige uma “epistemologia da prática”, ou seja, a valorização da experiência como um momento vivo de construção de saber, onde as incertezas cotidianas e a flexibilidade do planejamento potencializam o graduando como um legítimo profissional docente.

Figura 1 – Apresentação da atividade-contexto de “O chupa-tinta” de Eric Savoisin



Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 2 – Produção da atividade-contexto da aluna “Noites”



Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 3 – Produção de capa e contracapa durante atividade contexto



Fonte: Autoria própria (2026).

Figura 4 – Produção de capa e contracapa durante atividade contexto



Fonte: Autoria própria (2026).

Considerações Finais

O intuito principal deste relato de experiência foi alcançado com sucesso, demonstrando que a inserção da leitura de deleite, quando guiada por uma clara intencionalidade pedagógica, atua como uma ferramenta altamente eficaz para o desenvolvimento profissional de futuros professores diante dos complexos desafios de uma sala de aula numerosa. A vivência prática no Pibid evidenciou que a gestão de uma turma populosa não deve se reduzir ao controle disciplinar técnico ou à reprodução cega de modelos tradicionais de ensino. Pelo contrário, ao transformar a leitura lúdica em um espaço de diálogo coletivo, de escuta atenta e de manifestação expressiva por meio de produções textuais e desenhos, foi possível construir um ambiente de cumplicidade que transformou a rotina escolar em um campo fértil de pesquisa e reflexão conjunta entre os pares.

Esta experiência contribui significativamente para o campo da Educação ao reafirmar a escola pública como o *locus* central e insubstituível da formação docente em serviço. O relato mostra à comunidade acadêmica que a formação inicial não pode se estruturar de maneira isolada ou puramente teórica nos bancos universitários; ela necessita imergir na realidade viva e imprevisível das salas de aula. O erro, a frustração com uma leitura que não cativa e a necessidade de reorientar as estratégias no meio do percurso são elementos valiosos que só a prática em contexto é capaz de ensinar. Assim, este trabalho serve como um convite para que os cursos de licenciatura valorizem a postura investigativa dos graduandos, incentivando-os a se tornarem intelectuais críticos e reflexivos, capazes de ouvir os propósitos dos estudantes e de reinventar o fazer pedagógico diariamente.

Referências

BECK, Marta Costa. A formação dos professores no cotidiano das escolas. In: OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino; BECK, Marta Costa (orgs.). **Cotidiano**: Cidade, Educação e Cidadania. Campo Grande: UFMS, 2011. p. 153-170.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: história, teoria, análise (das origens orientais ao Brasil de hoje). São Paulo: Quíron; Brasília: INL/MEC, 1981.

FULLAN, Michael; HARGREAVES, Andy. **A escola como organização aprendente**: buscando uma educação de qualidade. Porto Alegre: Artmed, 2000.

NÓVOA, António. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA, 2009.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. A literatura infantil: história, teoria, análise (1981), de Nelly Novaes Coelho: um discurso de fronteira. *In*: MORTATTI, Maria Rosario Longo; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de (orgs.). **Clássicos brasileiros sobre literatura infantil (1943-1986)**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 207-240.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 19 jul. 2026.

SANVOISIN, Éric. **A Cidade dos Chupa-Tintas**. Ilustrações de Olivier Latyk. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANVOISIN, Éric. **O Chupa-Tinta**. Ilustrações de Martin Matje. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WARSCHAWER, Cecília. **A Roda e o Registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.